Dúvidas, negligência e preconceito estigmatizam sexualidade na velhice

Tese revela que não havia no país instrumento que aferisse o grau de conhecimento das pessoas sobre o assunto

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Observadas as especificidades de cada grupo, é possível dizer que os idosos têm tantas dúvidas a respeito da sua sexualidade quanto os adolescentes. A constatação faz parte da tese de doutoramento de Helena Brandão Viana, apresentada à Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp. Para aferir como anda o conhecimento das pessoas a respeito da sexualidade na velhice, inclusive por parte daquelas que ainda não chegaram aos 60 anos, a pesquisadora teve que adaptar e validar uma escala [espécie de questionário capaz de medir o grau de informação dos entrevistados acerca de um determinado tema] criada nos Estados Unidos, visto que o Brasil não dispunha de tal instrumento. "Outros dois aspectos importantes que pudemos identificar a partir da pesquisa é que esse assunto é negligenciado pelos estudiosos e continua sendo alvo de preconceitos por parte da sociedade", revela a autora do trabalho.

O estudo desenvolvido por Helena deu seqüência à sua dissertação de mestrado, que investigou a qualidade de vida de dois grupos de idosos, um formado por sedentários e outro pelos que praticavam atividades físicas. Na ocasião, a educadora física notou que os segundos tinham maior liberdade para falar sobre a sexualidade. "Daí surgiu a idéia de estudar a relação entre atividade física e sexualidade na velhice", explica. Ao buscar referências bibliográficas nacionais e internacionais, porém, a pesquisadora deparou com a falta de estudos sobre o tema no Brasil. Constatou igualmente que não havia no país qualquer instrumento que pudesse aferir o grau de conhecimento das pessoas acerca do assunto.

A solução foi buscar uma escala que pudesse ser aplicada à realidade brasileira. Foi escolhido um instrumento norte-americano, denominado Escala Askas, validado originalmente no início da década de 80. Este, ressalte-se, já havia sido adaptado anteriormente para ser usado em países como Coréia, Itália e França. Helena assinala que o trabalho de adaptação não se restringe a uma simples tradução de um idioma para outro. "A tarefa é bem mais complexa. É preciso adequar o instrumento às características de cada cultura. No caso brasileiro, por exemplo, a questão semântica teve que ser cuidadosamente trabalhada, de modo que as pessoas pudessem entender o que estava sendo perguntado", explica. Dito de outro modo, o processo de adaptação e validação cultural promove a análise conceitual, cultural e idiomática da escala a ser adaptada.

Foto: Antoninho Perri

Helena Brandão Viana, autora da tese: "Não podemos recriminar nem ridicularizar o idoso apenas porque ele quer ir a um baile ou deseja manter uma vida afetiva"

Ademais, prossegue a educadora física, vários aspectos presentes no contexto norte-americano não se repetem no Brasil. Atualmente nos Estados Unidos, para ficar em um único exemplo, os idosos apresentam um grau de escolaridade superior aos dos idosos brasileiros. "Levando em consideração essa realidade, algumas perguntas consideradas muito longas e complexas tiveram que ser reformuladas ou simplesmente retiradas do questionário após o que chamamos de Análise Fatorial Confirmatória", informa Helena. Encerrada a adaptação, o trabalho foi submetido a um comitê de especialistas, que sugeriu ajustes, e a um grupo de estatísticos, que conferiu a confiabilidade da escala. Para validá-la, a autora da tese promoveu um inquérito com 1.048 homens e mulheres, na faixa etária dos 60 aos 82 anos.

De acordo com Helena, as entrevistas revelaram aspectos importantes acerca da sexualidade na velhice. O primeiro deles é que o assunto permanece negligenciado pelos estudiosos. "A área médica, por exemplo, investiga muitos aspectos da sexualidade, mas não aborda amplamente o tema em relação à velhice. Quando o faz, os estudos ficam concentrados nas questões das perdas, como as disfunções eréteis ou a redução da lubrificação vaginal. Isso contribui, ainda que indiretamente, para a manutenção de vários mitos, como o que afirma que a velhice impediria uma vida sexual ativa. Definitivamente, isso não é verdade", sustenta a educadora física.

O inquérito apurou ainda que o desconhecimento sobre a sexualidade na velhice é grande, inclusive por parte dos próprios idosos. Estes revelaram uma grande necessidade de falar sobre o assunto, mas afirmaram não ter oportunidades nem tampouco interlocutores. "Às vezes, o idoso sente vergonha de abordar o tema com seu médico, principalmente quando se trata de uma mulher viúva. Muitos médicos, por sua vez, também evitam tocar no assunto porque temem constranger os pacientes. Essa falta de diálogo é preocupante, pois impede que esse grupo seja devidamente esclarecido", afirma a autora da tese.

A ausência de diálogo também pode ser notada entre os idosos e seus familiares. Não raro, afirma Helena, filhos e netos tendem a considerar que o comportamento afetivo já não faria mais parte da vida de seus pais e avós. A partir dessa postura, os mais jovens preferem simplesmente ignorar a questão da sexualidade do idoso, assim como muitos adultos fazem em relação aos filhos adolescentes. "O resultado dessa equação não tem, evidentemente, como ser bom. Não podemos nos esquecer que a Organização Mundial da Saúde elenca a sexualidade como um dos fatores indispensáveis à manutenção da qualidade de vida", adverte a educadora física.

Tabus

Em relação às principais dúvidas dos idosos sobre a sexualidade, a escala identificou que elas estão freqüentemente associadas a tabus que se mantêm ao longo do tempo. Muitas mulheres, por exemplo, não sabem até quando deveriam manter a atividade sexual. Várias acreditam no mito segundo o qual a menopausa seria um marco para a supressão dessa prática. "Algumas, por conta de crenças religiosas, consideram que o sexo está exclusivamente vinculado à reprodução. Logo, se elas já não são mais férteis, não deveriam continuar mantendo relações sexuais", detalha Helena, que foi orientada em seu doutorado pela professora Vera Aparecida Madruga.

Os homens, conforme apurou a escala, apresentam menos dúvidas do que as mulheres, mas mesmo assim também demonstram significativo grau de desconhecimento sobre a própria sexualidade. A questão que mais preocupa o grupo é a impotência. Muitos não sabem identificar se uma eventual dificuldade de ereção tem origem emocional ou fisiológica. "A grande dúvida é se a disfunção erétil é passageira ou duradoura", aponta a pesquisadora. De acordo com ela, a pesquisa também permitiu perceber que o descompasso sexual entre homens e mulheres, tão comum na juventude e idade adulta, traz reflexos na velhice.

Isso ocorre, infere Helena, justamente porque a maior angústia dos homens reside no seu desempenho sexual. Já as mulheres preocupam-se mais com a possível diminuição da libido, do prazer. "O que a gente nota é que homens e mulheres têm compassos diferentes. Como afirma o ditado popular, mulher é fogão a lenha e homem é fogão a gás. Durante as entrevistas, nós pudemos constatar que muitas mulheres não tiveram uma relação satisfatória com seus maridos e, quando ficam viúvas, acabam usando a velhice como justificativa para dizer que não desejam mais ter uma vida sexual ativa. Como a mulher tende a adquirir um elevado grau de autonomia com a maturidade, se alguma atividade não lhe dá prazer, ela simplesmente abandona essa atividade. Isso vale tanto no plano sexual quanto em qualquer outro".

Conforme Helena, as pesquisas internacionais indicam que o hábito sexual do idoso é semelhante ao que ele teve durante a vida adulta. "Existem algumas perdas fisiológicas, claro, mas elas não interferem necessariamente no desempenho sexual. Se a pessoa tinha uma vida sexualmente saudável aos 30 ou 40 anos, nada impede que ela mantenha isso aos 60 ou 80". A educadora física lembra que a sexualidade não se resume ao ato sexual em si. Ela contempla também companheirismo e afetividade, entre outros aspectos. "A sociedade precisa compreender melhor essas questões, para que os idosos não continuem sendo alvo de preconceito ou negligência nesse aspecto. Não podemos recriminar nem ridicularizar o idoso apenas porque ele quer ir a um baile ou deseja manter uma vida afetiva. Além de esse grupo ter direito a uma vida plena e com qualidade, não podemos esquecer que um dia nós também envelheceremos e desejaremos ser tratados com mais carinho e dignidade", pondera.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor José Tadeu Jorge
Coordenador Geral Fernando Ferreira Costa
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib
Pró-reitor de Pesquisa Daniel Pereira
Pró-reitor de Pós-Graduação Teresa Dib Zambon Atvars
Pró-reitor de Graduação Edgar Salvadori de Decca
Chefe de Gabinete José Ranali

JORNAL DA UNICAMP

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. Correspondência e sugestões Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (019) 3521-5108, 3521-5109, 3521-5111. Fax (019) 3521-5133. Site http://www.unicamp.br/ju. E-mail leitorju@reitoria.unicamp.br. Coordenador de imprensa Eustáquio Gomes. Assessor Chefe Clayton Levy. Editores Álvaro Kassab e Luiz Sugimoto. Redatores Carmo Gallo Netto, Hélio Costa Júnior, Isabel Gardenal, Jeverson Barbieri, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. Fotografia Antoninho Perri e Antônio Scarpinetti. Edição de Arte Oséas de Magalhães. Serviços Técnicos Dulcinéa Bordignon. Impressão SRG Gráfica e Editora: (011) 4223-5911. Publicidade JCPR Publicidade e Propaganda: (019) 3232-2210. Assine o jornal on line: www.unicamp.br/assineju